HÁ UMA GOTA DE SANGUE EM CADA POEMA

Desde o colégio a gente ouve falar de poesia em prosa. Não é necessário que nos dediquemos especialmente à literatura para que essa conotação nos seja familiar. Filme feito em prosa, a poesia de *Até a Última Gota*, de Sérgio Rezende, é conseqüência de uma articulação poliestilística e de alguma inspiração. As denúncias que comporta vêm sob uma forma bastante organizada e clara, o que provoca um resultado de aparência "fácil" mas de grande eficiência.

Da *dramatização* inicial, em fotogramas fixos, com o ator José Dumont no papel de uma vítima real do tráfico de sangue, aos depoimentos com grave conteúdo, as mensagens que Sérgio Rezende apresenta ao espectador surgem realmente sem muita complicação, como era o caso, por exemplo, daquele cinejornal – Atualidades Francesas – e suas matérias jornalísticas de fundo.

Prosa dramática com escrita corrida, poema em prosa com algumas rimas (ricas), o estro andradeano aflora neste filme através da objetividade e da pureza ingênua (leia-se outra vez: não complexa) e esperta (que a tudo observa e preside). O refrão visual (morcego e plasma), se é rebarbativo, traz a reminiscência dos clássicos vampirescos, recolocando a história, tanto a real quanto a sobrenatural, nos seus devidos postos hierárquicos.

* * *

A dedicação de Sérgio Rezende ao documentário data mais ou menos de 1975 e faz parte de um sentimento coletivo de jovens cineastas que decidiram enveredar pelo cinema assumindo uma vocação (ou um impulso) mais ou menos irresistível. Entre esses jovens estava Mariza Leão, hoje sra. Sérgio Rezende. Esse *intermezzo* social tem sua razão de ser. Outro casal praticou experiência semelhante, e a repetição da História é não apenas a confirmação de um meio-axioma, como um bom sinal da fertilidade do nosso cinema. Ana Carolina e Paulo Rufino, há mais de uma década, realizaram igualmente filmes curtos de pesquisa e/ou denúncia que marcaram um estilo, criaram uma escola, abriram novas saídas. Tanto no caso de Sérgio Rezende com Mariza como no de Ana Carolina com Paulo, há filmes cuja autoria final fica indefinida na fronteira de amor ou do companheirismo. *Até a Última Gota*, porém, parece não ter contado com uma intervenção direta de Mariza Leão.

* * *

ATÉ A ÚLTIMA GOTA

Direção e roteiro
Sérgio Rezende
Fotografia
José Joffily
Montagem
Vera Freire
Música
Paul de Castro
Narração
Hugo Carvana
Elenco
José Dumont

Cor, 16 mm ampliado

1980

* * *

Devo simpatizar com o revisionismo porque este termo me provoca uma curiosa atração. Sei que sua conotação é pejorativa, e o que se passa em mim diante dele deriva, seguramente, da mineiridade que me atribuem. Talvez procure redimir o *verbete*, com forças que acredito oriundas de sentimentos verdadeiramente nacionais e apolíticos. *Rever*, em cinema, é coisa quase sempre salutar: ninguém é dono definitivo da verdade. Tudo aqui está escrito em caixa baixa, pra amenizar ainda mais estas afirmações intermediárias.

* * *

Em dado momento de *Até a Última Gota*, a imagem reduz-se a um eloqüente preto & branco e o espectador passa a presenciar uma operação cardíaca. É, naturalmente, um filme ou uma filmagem "científica", mas o timbre de voz do locutor, ao menos para certos ouvidos, é característico e emocionante, pois estamos, justamente, diante de uma raridade: um pequeno trecho das acima mencionadas Atualidades Francesas. Não tenho elementos para nomear este locutor ou o que o antecedeu (por longos anos) neste mister e, tirando a emoção momentânea, ele não nos interessa tanto aqui, mas, como o leitor pode notar, estou "revendo" certos dados e saindo do meu assunto principal. Que fazer? Pertenço ainda à geração que assistiu penalizada ao fim (provocado pela TV) dos programas "passatempo", que enriqueciam nossos conhecimentos, seja com fantasia, seja com história contemporânea.

O contraponto que essa operação cirúrgica traz a *Até a Última Gota* deveria ser analisado mais em detalhe, extrapolando, agora, a magia que um filme de arquivo pode trazer a uma situação dessas, para a qual o tratamento adequado seria menos "dispersivo" e mais "grave", como quer ou gosta uma outra facção do cinema documental brasileiro. Sérgio Rezende faz também uma "revisão" do gênero cinejornalístico, que, por ser uma vertente válida do documentário, não atenua a denúncia (talvez mesmo a incremente) que seu filme, finalmente, vem a ser. O próprio locutor a que fiz menção entra com parcela considerável na criação do clima final desse entreato dramaticamente irrepreensível.

* * *

Suor e sangue. Ninguém acredita na vida real. Acredita, mas não leva a sério. (A vida real só não acontece para os outros, os que vão a cinema e acham que só vampiro compra ou rouba sangue e, ainda assim, de futuros vampiros). O realizador de *Até a Última Gota*, ao sair do cinema, verificou que seu filme estava passando ali mesmo, nas redondezas, como um complemento nacional. Ele foi olhando e ouvindo (só isso). Por exemplo: a maneira de utilização das entrevistas é gradativamente funcional e "familiar" (no sentido de intimidade, de não atemorização). O filme dá a impressão de um trabalho tão solto e intuitivo que revitaliza a influência de certa preguiça do raciocínio, inerente ao *homo sapiens* que se dedica à sétima arte (certos espécimens).

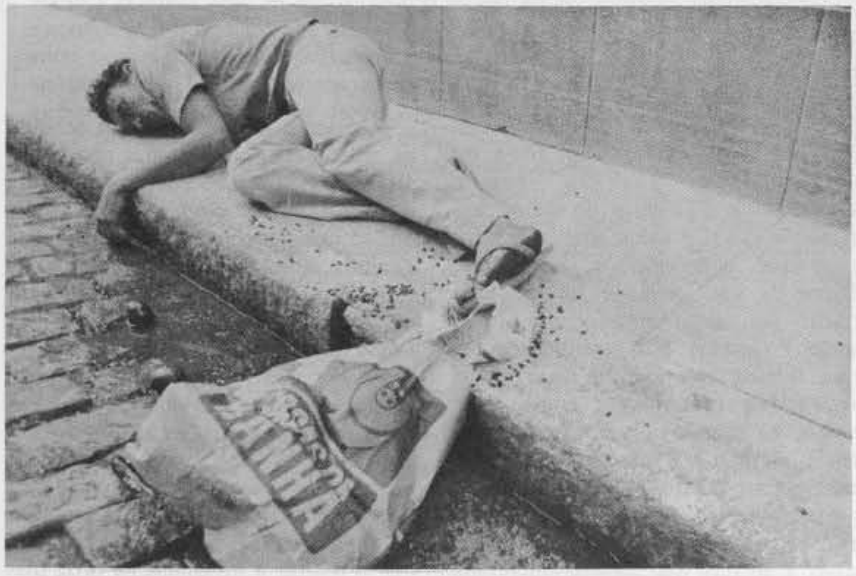
Até a última Gota parece também um filme doméstico, este problema visto agora sob outro ponto-de-vista. É direto, expõe um flagelo social, mas não é apocalíptico. Como "cinejornal", sua tendência seria a de se filiar ao permanente e trágico rufar dos tambores que nossas emissoras de TV fazem das catástrofes, trabalhando-as dramaturgicamente no sentido algo paradoxal de realçar a desgraça. É óbvio o interesse sensacionalista desses veículos e é óbvio também o cunho "profissional" que conferem à seus produtos. Mas, enquanto ganham audiência, privam-se da *Graça*, coisa de que o "lar" de Sérgio Rezende está muito bem provido.

* * *

Há pouco sangue em *Até a Última Gota* e este é um outro dado a reforçar a idéia da respeitabilidade deste libelo. Não é um filme de imprensa marrom, nem amarela, nem azul. Editores de jornais respeitáveis (se lhes fossem tocadas as feridas) seriam, eles próprios, mais contundentes. *Até a Última Gota* é um filme em cores (todas). Sua imagem e seu conteúdo, seu modo de falar e seu sotaque são os dados que contam; e eles chegam até nós sob a insinuante aparência da elegância.

* * *

Para dar comida à esposa
NDEU O SANGUE ATÉ À
LTIMA GOTA E MORREU



O sangue é elemento polêmico, em cinema. Já falei de morcegos vampiros, já fiz uma filiação cinematográfica dos filmes sangüíneos ou sanguinolentos. Mas há, também, o departamento de efeitos especiais, dos acidentes e assassinatos ficcionais, desde a mais remota antigüidade cinematográfica, passando pela floresta de Sherwood ao literal Capitão Blood etc., etc.

No cinema brasileiro, sangue é igualmente questão de verossimilhança. E este talvez seja o único caso a contrariar a tese de Sérgio Rezende (da exportação de sangue brasileiro para as grandes multinacionais estrangeiras): na *Batalha de Guararapes*, de Paulo Thiago, importou-se muito "sangue" para ser usado nas cenas de luta. E sangue italiano do bom.

* * *

As "teses" que desenvolvi aqui sob as camadas protetoras da gaze de certa complacência pequeno-burguesa (revisionismo?) devem ter o seu justo momento interpretativo. As "transfusões" que empreendi, colocando a palavra sangue em evidência, fazem parte de uma demoníaca tentação (capitalista?) da *boutade*, do jogo de palavras. Cabe ao leitor perspicaz relevar-me este pecado, aceitando-o como metáfora irreversível. Tentei mostrar, através desses artifícios, de que maneira o realizador vai transmitindo ao espectador as suas idéias (às vezes sob o estigma desse mesmo "vício" que me assolou) e como essas últimas transformam-se em coisas definitivas e sérias. A corda bamba de leveza e do não-didático não é coisa nova nem é um achado: é uma das pedras fundamentais do cinema; de Murnau a Hitchcock, passando por Eisenstein e Resnais. (Nesta linha de pensamento *Marienbad* seria o difícil mais fácil e *Vertigo* o fácil mais difícil).

Para permitir tantas divagações, um filme não pode nem deve pairar no marasmo da documentação fria. Sérgio Rezende traz ao nosso cenário cinematográfico um bom exemplo de criatividade e sabedoria, transportando em seus respectivos bojos uma denúncia bastante grave que não pode passar sem ser vista, analisada e respondida, por quem de direito.

David E. Neves